DF – Brasília

POR UM TRIZ

SECRETÁRIO DE CULTURA MOSTRA CONJUNTO CULTURAL DA REPÚBLICA E FALA EM INAUGURAÇÃO EM NOVEMBRO – EMBORA AINDA FALTEM DEFINIÇÕES SOBRE O CONCEITO E O ACERVO DA INSTITUIÇÃO

NAHIMA MACIEL
DA EQUIPE DO **CORREIO**

Por fora, o Conjunto Cultural da República está completo. Os tapumes poderiam ser retirados hoje, se preciso. Por dentro, a situação não é muito diferente. Os ajustes no complexo de 91 mil metros quadrados – que abriga o Museu Nacional Honestino Guimarães e a Biblioteca Nacional Leonel de Moura Brizola – são necessários apenas no interior dos prédios. Na última semana, a CEB cuidou da rede elétrica que vai abastecer um sistema especial de iluminação e os operários montaram os últimos blocos do carpete que cobre o piso dos dois prédios. O secretário de Cultura, Ricardo Marques, quer marcar para a segunda quinzena de novembro a abertura do espaço, mas evita afirmar a data certa. Muitos detalhes ainda precisam de solução – e o mais importante deles é o acervo das duas instituições.

"O museu será um espaço para o novo, para exposições itinerantes", garante o secretário. Para a inauguração, uma mostra de fotografias e maquetes de Oscar Niemeyer intitulada *Niemeyer por Niemeyer*. "São painéis com trabalhos do arquiteto e uns desenhos grandes. Tudo tem que ter um caráter monumental, porque o museu é assim", explica o curador Marcus Lontra. "É um espaço muito impactante para a cidade, mas discussões sobre aspectos específicos do museu têm que ser incrementadas. O governo termina no final de dezembro e é muito importante inaugurar logo o museu para, no ano que vem, estabelecermos políticas. Senão, vamos perder mais um ano discutindo a inauguração."

O espaço interno da concha que forma o museu é muito semelhante ao desenho do arquiteto para a Oca do Parque Ibirapuera, em São Paulo. Pela rampa principal, chega-se ao espaço destinado às exposições, um salão redondo com um mezanino e uma rampa interna. No centro, qualquer barulho reverbera. No subsolo, dois auditórios – um para 700 pessoas e outro para 85 – já contam com equipamento de som. O acesso é feito pela parte inferior à rampa de entrada do museu, mas há comunicação interna entre as duas áreas. Nos fundos, a parte administrativa do prédio tem uma sala de 200m² para reserva técnica e outras menores, para atividades como restauração, marcenaria e museologia. "A área expositiva é restrita e pequena. Esse não é um museu para pendurar tela na parede", avisa Ricardo Marques, que, nas últimas semanas, conversou com diretores e curadores de museus de Brasília em busca de idéias para montar o perfil da nova instituição.

Wagner Barja, curador da Casa da Cultura da América Latina (CAL), foi um dos convidados para a conversa. "Ele me pediu para que eu indicasse alguns nomes para começar a discutir um projeto de conceito do museu. Mas isso é muito complicado porque o museu tem que ser conceituado antes de ser construído, ainda no papel", explica o artista. Recentemente, Barja viu seu projeto da exposição *Novo rosto, breve antologia do auto-retrato*, concebido especialmente para o novo museu, aprovado pelo Fundo da Arte e da Cultura (FAC). A proposta é convidar 15 artistas de Brasília e de outros estados para trabalhar temáticas ligadas ao auto-retrato. "Mas seria um projeto para o ano que vem", diz.

Já a biblioteca está em estágio mais avançado. O secretário de Cultura montou uma comissão de representantes do Conselho Regional de Biblioteconomia, da Associação dos Bibliotecários e do curso de biblioteconomia da UnB para traçar os objetivos e diretrizes da instituição. A idéia é que a biblioteca seja inaugurada com um acervo virtual de 25 mil títulos. As obras seriam consultadas em computadores instalados no prédio e os visitantes poderiam imprimir trechos dos livros e levar para casa depois de pagar os direitos autorais, caso a obra não seja de domínio público. "O custo é muito menor que o de construir um acervo", garante Ricardo Marques, que já conta com R$ 3 milhões do orçamento do GDF para comprar o mobiliário do prédio.

O primeiro dos cinco andares será destinado a salas de leitura com periódicos atuais. Nos andares acima, já acarpetados e com divisórias instaladas, ficarão o acervo e os terminais para consulta. Uma sala anexa à recepção, no térreo, funcionará como centro de informática. Para Simone Bastos, integrante da comissão formada por Marques e diretora da Biblioteca do Senado, é a única forma de inaugurar a instituição ainda neste ano.

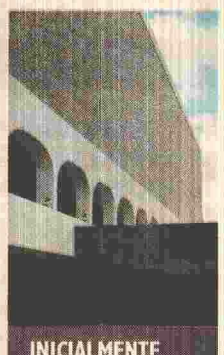
"Construir um acervo impresso de uma biblioteca leva anos e muito dinheiro. Como podemos abrir a biblioteca e acessar o acervo num momento inicial? Com consulta digital. Paralelamente a isso, o acervo impresso vai se formando. As obras de literatura brasileira, enciclopédias e dicionários já têm versão digital. Num primeiro momento, esse será o acervo disponível", acredita. Simone descarta a transferência de acervos de bibliotecas da cidade para a nova instituição. "O perfil de uma biblioteca pública é o perfil do povo, do que o povo gosta de ler. E a Biblioteca do Senado não tem esse perfil."

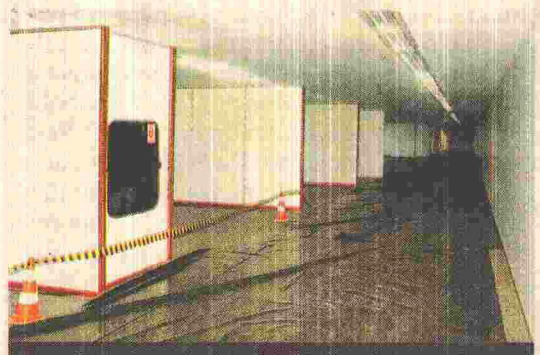
NÚMEROS

MUSEU
São mais de 13 mil m² divididos em quatro pavimentos

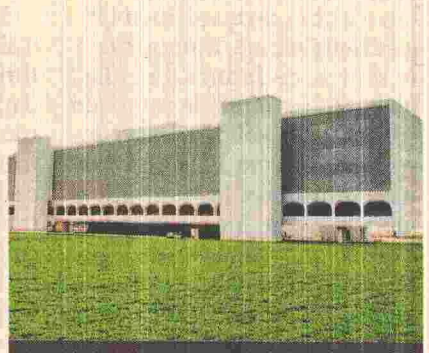
BIBLIOTECA
O prédio tem 14.500 m² e cinco andares. A capacidade é de mais de 300 mil obras

RAMPA DE ACESSO AO MUSEU NACIONAL: ARQUITETURA LEMBRA A OCA DO IBIRAPUERA


INICIALMENTE, BIBLIOTECA TERÁ ACERVO VIRTUAL


DIVISÓRIAS E CARPETES JÁ FORAM INSTALADOS: FALTAM APENAS RETOQUES NA BIBLIOTECA NACIONAL

CONJUNTO DEVE SER INAUGURADO AINDA NESTE ANO: SÓ FALTA MARCAR O DIA DA ABERTURA AO PÚBLICO


FACHADA DA BIBLIOTECA: ESPECIALISTAS DISCUTEM DIRETRIZES DA INSTITUIÇÃO

Fotos: Paulo de Araújo/CB